Décima oitava carta — Blasfêmias do século XIX (continuação)

> **Sumário.** Ódio satânico ao Cristianismo. — Expulsão universal. — A heresia em Roma. — Fato inaudito e muito significativo. — Programa da juventude anticristã.

18 de julho.

Meu caro amigo,

Ao denunciar os padres como um rebanho de brutos, de panteras, de hipócritas, de porcos e de inimigos da sociedade, os ímpios do antigo e do novo mundo julgaram ter mostrado suficientemente a estupidez dos que ainda creem nos ensinamentos do padre e que ainda fazem a genuflexão diante do Deus que ele anuncia. Expulsar de toda parte Deus e o padre: a consequência é forçada. Para realizá-la, os operários de Satanás trabalham com todo o seu poder, e não se constrangem de dizê-lo. Escutemos:

> *Trabalhamos ardentemente para descatolicizar a França, a fim de purgar para sempre o nosso solo da imunda Sociedade de Jesus, do Ignorantismo e dos açambarcamentos territoriais do clero. Sim, desejamos expulsar Deus de todas as leis. Riscamos Deus. A paz da alma está na negação de Deus.*

> *A conspiração antissocial que tem por nome a Igreja Romana deve ser combatida por todos os meios que as leis põem a serviço da sociedade; e se essas leis não bastarem, é preciso fazer outras para esmagar os nossos inimigos.*

>

> *Que outros, que se creem mais hábeis, mascarem o seu pensamento e se defendam de querer atacar a Santa Religião de seus pais; nós dizemos que o catolicismo, tal como o fizeram os Jesuítas, é um abuso; que a esse abuso é preciso declarar nitidamente a guerra; numa palavra, esmagar a infame. Fora as velhas e absurdas crenças!*

«Por toda parte onde o catolicismo passou, constatou-se a ruína e a vergonha.»

> *Povos! Seremos escravos enquanto um padre estiver de pé. E certamente é até o último que será preciso destruir, por todos os meios, essa gente perversa, que foi em todos os tempos uma das principais causas das misérias da humanidade. Se todos os pretensos ministros de Deus quisessem seguir o exemplo de Jesus Cristo, que comecem então por deixar-se crucificar; ou comecemos nós por crucificá-los, se queremos, como os Judeus, ter um dia a liberdade.*

Todo o mundo o sabe, meu caro Frederico, a coisa não está por fazer. A Comuna deu o sinal. Somente, em vez de crucificar os padres, fuzilou-os. E há leis que condenam os que excitam ao ódio os cidadãos uns contra os outros; e diante de semelhantes provocações essas leis ficaram mudas. Será que já o padre não seria considerado cidadão, mas um bruto, e um bruto malfeitor?

Contudo, é assim que se desencaminha a opinião, que se engana as classes operárias; e que se armam milhares de braços que, no dia marcado, se erguerão contra os padres; de modo que, se Deus não puser a mão, veremos cumprir-se esta predição do Salvador:

> *Está a chegar o tempo, em que todo o que vos matar, julgará que nisso faz serviço a Deos.*[1]

A esse respeito, eis, meu caro amigo, um fato de que fui testemunha. Há algumas semanas, achando-me num convento de Paris, uma pobre mulher da vizinhança veio, segundo o seu costume, pedir esmola. Enquanto esperava o pão, o caldo e as roupas que lhe eram destinados, perguntou à religiosa da portaria o que se dizia dos negócios públicos. A religiosa respondeu que não se estava sem inquietação. A essas palavras, a boa velha junta as mãos e, no tom mais convicto, diz:

> *Que pena que não tenham deixado a Comuna fazer o que queria: tinham tão boas intenções para o povo!*

Depois de decretar, em princípio, a expulsão de Deus e do padre, os ímpios assinalam os pontos por onde ela deve começar.

Primeiro, a vida social.

> *Os verdadeiros liberais odeiam o padre quase tanto quanto ele é odiável. Deixar-se-iam cortar em pedaços, tão miúdos quanto os artigos do orçamento da instrução pública, antes que levar à Câmara ou ao Senado bípedes que vivem de batina e de tricórnio.*

A vida cristã.

> *É preciso afastar o padre de nossas mães, de nossas esposas, de nossas filhas. É preciso afastá-las da prática dos sacramentos, a fim de salvá-las.*

Depois, dirigindo-se ao proletário, ao operário:

> *Ah! meu pobre homem, fica antes na oficina do que ir no domingo à Igreja: faz menos mal à tua razão e ao teu coração.*

A vida de família. *«Nada de padre no nascimento, no casamento, na morte.»*

Os infelizes só têm tido êxito demais! Sem falar das outras cidades da França ou do estrangeiro, Paris conta vários milhares de crianças que não são batizadas e certo número de famílias bem postas que não querem que o sejam. Quanto ao casamento, a sociedade de São Francisco Régis fez regularizar mais de setenta mil: ainda regulariza todas as semanas. Como o contrato civil está estabelecido em quase todas as nações atuais, é certo que o ato mais decisivo da vida se cumpre muitas vezes sem receber a bênção da Igreja: o padre é dele expulso.

Que dizer da morte? De alguns anos para cá somos testemunhas de um espetáculo que faria corar os selvagens. Vítima de doutrinas degradantes, o homem do século XIX julga-se um animal; e faz-se enterrar como um animal. Num ano, Paris, capital das luzes, presenciou mil e setecentos enterros civis, ditos *«solidários»*! As diversas cidades da França, vários povoados mesmo, imitaram Paris. O que passa toda imaginação: a própria Roma viu várias vezes esse hediondo escândalo percorrer suas ruas, habituadas até aqui a espetáculos bem outros.

Não é tudo. Poder-se-ia crer que neste mesmo momento Roma, a cidade santa, a metrópole da verdade, conta em seu recinto doze templos protestantes e outras tantas escolas, de onde saem diariamente, aos jorros, as negações heréticas, opostas à afirmação católica? Esse fato inaudito é

um sinal dos tempos.

A educação. É preciso reconhecê-lo: mais hábeis que os filhos da luz, os filhos das trevas compreendem a importância decisiva da educação. Quem for senhor da educação, sobretudo das classes letradas, será senhor do mundo. Dizem:

> *Deixai-nos apenas as escolas; deixar-vos-emos de bom grado a pompa de vossas cerimônias, a vossa hierarquia, os vossos bispos e os vossos cabidos. Quando tivermos extirpado de todos os corações a raiz do catolicismo, quando tivermos derrubado as antigas tradições, a hierarquia cairá por si mesma.*

> *A religião deve ser banida da educação. Queremos abolir a Justiça divina. Queremos transformar a consciência humana, para que as sociedades se transformem.*

> *Com que fim fundamos nós as escolas de meninas? É claro que o fim é subtrair as crianças a toda espécie de influência, seja dos padres, seja de seus acólitos.*

> *Um dia virá, e logo, esperamo-lo, em que a legislação não tolerará mais as congregações religiosas e docentes.*

> *Se o liberalismo chegar ao poder, terá por missão excluir da escola o ensino da religião.*

> *A laicidade do ensino é apenas uma parte do nosso programa, que compreende além disso a obrigatoriedade e a gratuidade. Aliás, a instrução obrigatória se imporá como corolário da instrução laica, se não se quiser ver as escolas desertadas, por efeito das intrigas do clericalismo.*

>

> *O conselho municipal de Paris economizou cerca de oitenta mil francos nas obras maculadas de catolicismo. Consagrará essa soma às escolas laicas, a fim de preparar leitores a Voltaire.*[2]

Hoje mesmo, o candidato que quer fazer parte desse conselho municipal é obrigado a prometer aplicar o seguinte programa:

> *Instrução gratuita, obrigatória, laica; supressão do ensino religioso nas escolas comunais.*[3]

Esses pedidos, cada dia reiterados, de expulsar a religião do ensino já deram os seus frutos. Não falemos nem da fé nem dos costumes dos liceus e colégios; lembremos apenas o escândalo que acaba de produzir-se no enterro de Michelet. Um apelo dirigido aos estudantes convidou-os a uma manifestação do livre pensamento. Cerca de três mil responderam. Eram outros tantos jovens livres-pensadores, reunidos para afirmar sobre um cadáver o nada de suas crenças.

A manifestação foi seguida de um banquete, onde um dos jovens filhos de Voltaire exprimiu-se nestes termos:

> *Camaradas, é com alegria que vimos a juventude das escolas considerar como um dever tomar parte nesta grande manifestação anticlerical e testemunhar os seus sentimentos prestando, por assim dizer, as honras do triunfo às cinzas daquele cujos esforços todos tiveram por fim a descristianização das raças latinas.*

> *Cidadãos, o combate começa; vamos lutar e triunfar. É preciso que, em presença das manobras surdas do clericalismo procurando corromper a juventude, esta se reúna e, por uma manifestação brilhante, mostre todo o seu horror pelas doutrinas do clero, repudie energicamente toda aliança com as suas teorias insensatas e, enfim, proclame em alta voz os seus sentimentos de livre pensamento.*

Que a juventude, a quem pertence o futuro, se deixe invadir por semelhantes doutrinas, e em poucos anos a sociedade será um paiol guardado por loucos. Então que acontecerá? Os próprios livres-pensadores respondem:

>

> *A batalha será travada, sim, um dia ou outro; é inevitável. A Comuna não terá sido mais que um combate de vanguarda; 93, apenas uma fraca imagem, uma pálida luz dos acontecimentos que então se desenrolarão. Desta vez o Romanismo não será esquecido. Daqui a pouco seremos testemunhas de ruínas e massacres tornados necessários.*

Felizmente Deus está aí!

Todo teu.

Notas

[1] *Venit hora, ut omnis qui interficit vos, arbitretur obsequium se præstare Deo.* (Jo 16, 2).

[2] *Os direitos do homem*, abril de 1876.

[3] Em sua sessão de 22 de julho de 1876, esse mesmo conselho municipal de Paris acaba de proibir todo exercício religioso nas escolas comunais.

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:51 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:51 by Admin